



ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.P.)

Secretários de todos os países: Uni-vos!

As manobras do Outono

As «manobras do Outono» que acabaram de se realizar no Alentejo, foram ordenadas pelo fascismo, tendo em vista vários objectivos. O primeiro, era naturalmente de preparar o nosso exército para a guerra contra o povo espanhol que o fascismo planeia; o segundo, era o de aplacar o descontentamento que reina em muitos oficiais pelo descalabro a que Salazar deixou chegar o Exército.

É sabido que a defesa nacional, sob o ponto de vista militar é simplesmente irrisória. Não há no nosso país, segundo parecer da Câmara Corporativa, que nós já citamos no nosso jornal, fortificações nas fronteiras terrestres nem marítimas, não há aviação, não há marinha de guerra, não há tanques, não há canhões anti-aéreos, não há aquartelamentos, não há técnicos militares, (falamos sempre segundo o parecer da Câmara Corporativa) não há gado, não há máscaras anti-gazes, etc., etc.

As manobras do Outono, confirmaram inteiramente esta situação em que se encontra o Exército. De manobras, ninguém viu fosse o que fosse. Nem operações táticas, nem aplicação deste ou daquele princípio estratégico, nem combates das diferentes armas. Concentrações de tropas e algumas marchas militares e foi tudo. Houve ainda algumas fantochadas que a Emissora Nacional transmittiu mas que não fizeram senão dar um carácter de chuchadeira às referidas «manobras».

Que conclusões tirar daqui?

A primeira é que os meios militares de que dispomos são absolutamente insuficientes para garantir a defesa do nosso país.

A segunda é que, nem mesmo aumentando dez vezes as verbas para despesas militares — o que não cabe na imaginação nem sequer do maior ladrão português de todos os tempos: Salazar — se conseguia apetrechar o país dos meios necessários para assegurar a sua defesa.

A conclusão final é que, Portugal para garantir a sua independência e a sua defesa, deve abandonar todas as aventuras perigosas, todas as provocações, toda a concessão ao agressor italiano e germânico e ligar-se inteiramente aos países que constituem a Frente da Paz, e adoptar como base da sua política externa os princípios da segurança colectiva da Sociedade das Nações.

Os primeiros ensinamentos das «eleições» para as J. de Freguesia

Não terminou ainda a grande burla das eleições, montada pelo fascismo, em cumprimento da sua política de mentira e de baixa demagogia. Contudo, já os primeiros ensinamentos podem ser extraídos à luz dos resultados que se conhecem.

Em primeiro lugar, devemos pôr em evidência a justeza da linha do Partido Comunista, aconselhando os eleitores a votarem em listas organizadas livremente por eles.

Algumas pessoas pouco dispostas a vencerem as resistências e as dificuldades que se encontram no trabalho positivo, diziam-nos com um sorriso de indulgência: — Prêgais em vão. Não existe em Portugal um único herói que se disponha a arrostar os perigos a que se expõe, organizando uma lista de oposição.

A prática demonstrou, afinal, que o povo português não é tão passivo como se pensa.

Segundo os próprios jornais anunciam, foram apresentadas listas em Soure, em Castro Daire, em Miranda do Corvo, em Marvão, em Vizeu, em Vila Real, em Vila de Parede e em muitos outros pontos do país.

E não é de admirar que os organizadores destas listas não tenham lido a nossa imprensa e que tenham procedido espontaneamente movidos apenas pela ideia de elegerem pessoas que melhor pudessem defender os seus interesses.

A repressão e todo o género de coacções exercidas pelo Governo, a dificuldade de realizar propaganda, etc., são as razões fundamentais porque o número de terras onde foram apresentadas listas não seja mais elevado. Mas, a falta de desenvolvimento duma actividade, neste sentido, por parte doutras organizações e elementos anti-fascistas, e mesmo a frouxidão das algumas organizações do Partido explicam igualmente, em grande parte, aquele facto.

O primeiro ensinamento a extrair das eleições agora realizadas é que é profundamente errada e prejudicial toda a tendência a menosprezar a possibilidade de trabalho legal e a capacidade de acção e de heroísmo do povo português.

O segundo ensinamento, ou melhor, a verificação duma verdade já conhecida, é que o fascismo apesar de não viver no ar, isto é, sem raízes na própria massa, como muita gente pensa, não possui, todavia, a base social tão sólida como ele apregoa. Apesar de todas as medidas de coacção e de ter refinado os métodos de ocultismo eleitoral, apesar das promessas, das ameaças, o fascismo não obteve, numa maioria esmagadora de freguesias, mais do que uns escassos votos.

Citemos, ao acaso, alguns concelhos: Aljustrel, 268 votos; Moura, 380; Mértola, 318; Almodovar, 318.

Noutras freguesias, o fascismo para não desmascarar o fracasso, limitou-se a apresentar o nome das pessoas eleitas sem dizer o número de votos que obtiveram.

Houve muitíssimas freguesias onde ninguém se apresentou às urnas, o que representa, embora duma forma negativa, uma real oposição ao fascismo.

Estas eleições indicam, por conseguinte — comprovando a tática do Partido Comunista, elaborada sobre a base duma tal análise da situação — que no nosso país existem, ainda, grandes possibilidades de acção legal e que as massas populares, mais ou menos divorciadas do fascismo, se dispõem a lutar, sempre que lhes indiquem palavras de ordem justas e auxiliem a sua luta.

Uma tal situação oferece ao movimento anti-fascista largas perspectivas, mas exigem, ao mesmo tempo, grandes responsabilidades.

Perante uma larga perspectiva de luta, não se pode — de resto em circunstância nenhuma — permanecer indiferente, inactivo, ou frouxo.

É preciso não deixar perder, por uma indiferença criminosa ou descrença oportunista, a mais pequena possibilidade de levar as massas à luta.

Partindo das pequenas acções legais, pela defesa dos mais elementares interesses, é possível levar as massas a grandes acções de luta contra o fascismo.

Tal é a grande tarefa que se põe diante do Partido Comunista e de todas as ORGANIZAÇÕES ANTI-FASCISTAS.

As eleições continuam ainda.

O dever dos trabalhadores é lutar pelos seus interesses, votando, contra a lista apresentada pelo fascismo.

Votai na lista organizada pelos próprios eleitores ou riscai os nomes propostos nas listas fascistas, substituindo-os por nomes que mereçam a nossa confiança.

A Intervenção continua

Apesar das cínicas afirmações de Salazar e seus acólitos, o fornecimento de material de guerra ao fascismo que combate na Espanha, continua da forma mais escandalosa. A Alandega de Lisboa está a abarrotar. Canhões, tractores, material de guerra de toda a espécie vindos da America e da Alemanha amontoam-se à espera de expedição para a Espanha, que vai sendo feita rapidamente. O governo americano, apesar de todas as suas leis de neutralidade, deixa que os grandes capitalistas dos E. Unidos continuem a enriquecer à custa da guerra espanhola, e, por isso, permite toda a traficação que se desenvolve no fornecimento de vario material.

Podemos garantir que só na última remessa chegada há alguns dias, teve uma das casas interessadas de pagar mais de 7.500 contos pelos canhões e tractores de artilharia, americanos.

Ao mesmo tempo que se continua a preparar a ida do exército português para Espanha, ao mesmo tempo que se prepara a guerra contra o povo espanhol, no caso de uma aproximação das forças governamentais, da nossa fronteira — ao mesmo tempo continua a ser Portugal o ponto de fornecimento das quantidades monstruosas de material de guerra, necessárias à destruição da Espanha.

ESTA SITUAÇÃO NÃO PODE CONTINUAR!

O povo português não pode permanecer numa **INDIFERENÇA DE ACÇÃO** criminosa!

Não basta ser amigo do povo espanhol para o **CHORAR!**

É necessário auxiliá-lo, impedindo que passe pela nossa terra, com a **CUMPLICIDADE TÁCTICA DE TODO UM POVO**, o material que vai destruir os nossos irmãos.

Que todo o povo, que todos os anti-fascistas auxiliem materialmente a luta contra a passagem do material para Espanha!

O Partido Comunista Português dirige a todas as organizações anti-fascistas o seu apelo para uma acção comum!

O Partido Comunista dirige aos camaradas da C. G. T. o seu apelo no sentido de uma coordenação de esforços imediata para o **INPELIMENTO DA PASSAGEM DE MATERIAL DE GUERRA** para Espanha.

Que todos os comunistas, que todas as organizações do P. se lancem ao trabalho para o **AUXÍLIO EFECTIVO** aos nossos irmãos espanhóis.

QUE NADA MAIS PASSE POR PORTUGAL!

Ainda o movimento da Catalunha

Como se sabe, em 4 de Maio, último, rebentou, na Catalunha, uma insurreição armada, dirigida pelos traidores trotskistas, do P.O.U.M., agentes de espionagem e de diversão ao serviço de Franco, apoiada por alguns elementos chamados «incontrolados».

Consideramos, nessa altura, de traição, esse acto.

A «Batalha», que últimamente tem reivindicado para os anarquistas a autoria desse movimento, censura-nos rispidamente por termos dado aquele qualificativo.

Em vez de estabelecer polémica e, para aclarar este caso, parece-nos melhor, publicar, sem comentários o discurso pronunciado no dia 5 ao microfone de Rádio Barcelona pelo director de «Solidariedade Obrera», órgão central da C.N.T. e anarco-sindicalista, e um dos principais dirigentes deste organismo:

«Da loucura actual só o fascismo, nosso inimigo comum, beneficia. O que se passa destrói as nossas realizações dos últimos meses. As luzes dos trabalhadores do mundo inteiro, que tem os olhos postos em nós, que depositaram em nós todas as suas esperanças, de aparecem.

Este momento de loucura, vós não obedecéis a nenhuma ordem, nem a nenhuma directiva das vossas organizações. É inconcebível camaradas da C.N.T., camaradas da U.G.T., camaradas guardas de assalto e guardas republicanos, que tenhais esta ATITUDE VIL e absurda.

Depois de referir-se à «impresão dolorosa» que sofreu ao visitar o hospital onde viu montes de cadáveres, continua:

«É um espectáculo deprimente. É possível que aqueles que lutaram ombro a ombro contra o fascismo cheguem, num momento de loucura, a travar uma guerra fratricida? Infelizmente é assim. Eu não quero saber das razões. O que é preciso é que esta situação acabe.

«Camaradas da CNT, da UGT, da FAI, falo-vos, em nome duma organização, em nome dum jornal, que defende os interesses de todos os trabalhadores da Catalunha, em nome de Solidariedade Obrera que vê, com dor, como os anarquistas se matam, uns aos outros, furiosamente, como inimigos.

«É PRECISO QUE ISTO CESSE. NÃO SÃO SOMENTE RAZÕES DE ORDEM SENTIMENTAL QUE O EXIGEM. SÃO RAZÕES DE ORDEM MILITAR: PARA GANHAR A GUERRA QUEREIS QUE A REVOLUÇÃO TRIUNFE? QUE REIS QUÊ O PROLETARIADO ESPANHOL ESMAGUE O FASCISMO? CESSAI AS VOSSAS DISPUTAS. UNAMO-NOS COM TODA A SINCERIDADE»

O director da Solidariedade Obrera, aconselha os membros da CNT, da UGT, da FAI, a seguir às instruções das suas organizações e aconselha os que estão na rua a cessarem a luta: «se não quereis um desastre comum, uma hecatombe comum, e se quereis a vitória em vez da derrota, suplico-vos, pela Espanha, pela paz, pela unidade do proletariado pela Catalunha — abandonai a luta».

(Os sublinhados são nossos)

ROMANCE DO HOMEM DA BOCA CERRADA

—Quem é esse homem sombrio,
Duro rosto, duro olhar,
Que cerra os dentes e a boca
Como quem não quer falar?

—Esse é o Jaime Rebelo,
Pescador, homem do mar,
Se quizesse abrir a boca,
Tinha muito que contar.

Ora ouvireis, camaradas,
Uma história de pasmar.

Passava já de ano e dia
E outro vinha de passar,
E o Rebelo não cansava
De dar guerra ao Salazar.
De dia tinha o mar alto,
De noite, luta bravía,
Poís só ama a Liberdade
Quem dá guerra à tirania.
Passava já de ano e dia...
Mas um dia, por traição,
Catu nas mãos dos esbirros
e foi levado à prisão.

Algemas de aço nos pulsos,
Vá de insultos ao entrar,
Palavra puxa palavra,
Começaram de falar
—Quanto sabes, seja a bem,
Seja a mal, hás de contá-lo.
—Não sou traidor, nem prejuro;
Sou homem de fé: não falo!
—Fala: ou terás o degrêdo,
Ou morte a fio de espada.
—Mais vale morrer com honra,
Do que vida deshonorada!

A poesia que inserimos não é, apenas, o fruto da inspirada imaginação do poeta que a subsegue. É um retrato da própria vida. É um romance vivido, é o romance dos heróis do povo que deixam a vida no antro maldito da Informação porque preferem «morrer com honra» a servirem os inimigos dos explorados e oprimidos.

É a história autêntica desse heróico camarada anarquista que, em Fevereiro de 1934, cortou a língua para não falar; é a história dos comunistas Augusto de Almeida Martins e de Manoel Tomé e de outros camaradas assassinados pela policia por se recusarem a fazer declarações, é a história da já longa lista dos mártires, dos heróis que Salazar mandou assassinar por não seguirem a sua escola de traição.

Publicando esta bela poesia nós prestamos ao mesmo tempo homenagem aos heróis que ela canta e ao seu autor por se tornar tão brilhante intérprete dos feitos nobres do nosso povo.

Oxalá, o exemplo dado pelo dr. Jaime Cortezão seja seguido e se crie, entre nós, uma poesia e uma arte verdadeiramente populares que se tornem em armas potentes do movimento do povo português pela sua libertação.

Augusto de Almeida Martins membro do P.C. assassinado no dia 24 pela policia de informações, por se recusar a prestar declarações á policia, é o modelo vivo do revolucionário honesto cuja linha de conduta inflexível ante o inimigo de classe deve ser seguida por todos os que lutam pela libertação do povo.

Mas para que nem mais um unico dos mais dignos filhos do povo caia ás mãos do assassino fascista, é necessário que todos manifestemos o nosso vivo protesto contra o assassinato daqueles e doutros camaradas e contra o assassinato lento dos de portados e dos que fazem nas masmorras fascistas.

Camaradas, registai para sempre na vossa memória o nome de Augusto de Almeida Martins, carne da nossa carne, e Vingamo-lo!
Libertemos José de Sousa, Bento Gonçalves e todos os presos anti-fascistas.

Por um largo movimento de Solidariedade

Recebemos a seguinte interessantíssima carta que por se identificar inteiramente com a nossa linha publicamos integralmente:

«A Direcção do «Avante!»
Lemos com interesse e aplaudimos o artigo «POR UM LARGO MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE» publicado em «Avante!», n.º 54, Série II, 2.ª semana de Outubro corrente.

Somos da opinião que às mulheres — cada uma segundo as suas possibilidades — compete a maior parte activa desse MOVIMENTO.

É fácil, em determinados meios saber-se quais as famílias dos presos políticos, necessitadas. Não seria possível, para elementos de trabalho, fazer o cadastro desses individuos por sexos, idades e necessidades?

Desde a mulher mais humilde a mais abastada, TODAS pode-

mos socorrer, com certa regularidade, quem necessitar auxílio e pelo tempo que necessitar.

É uma sopa que se fornece, um jantar que se dá, um comensal a mais que se admite numa família em melhores circunstâncias, uma dormida que se consegue para quem não tem onde ficar. São os socorros médicos, hospitalares e farmacêuticos, que se procuram obter. É uma roupa que se lava, que se confecciona, que se cose, é vestuário que se oferta. As que podem socorrer com dinheiro, não devem deixar de o fazer, visto ser essa a melhor dádiva.

Os pobres são muitos, a vida está má, mas com boa vontade, persistência e união, conseguem-se ajudar a melhorar um pouco as condições de vida daqueles que sofrem mais do que nós.

Devem os interessados, e de-

—A ver se falas ou não,
Quando pôsto na tortura.
—Que importam duros tormentos,
Quando a vontade é mais dura?!

Geme o pêso atado ao potro.
Já tinha o corpo a sangrar,
Já tinha os membros torticidos
E os tormentos a apertar.
Então o Jaime Rebelo,
Louco de dor, a arquejar,
Juntou as ultimas forças
Para não ter que falar.
—Antes que fale emmudeça!
Pôs-se a gritar com voz rouca,
E, cece, duma dentada,
Cortou a lingua na boca.

A tórba vil dos esbirros
Ficou na frente, assombrada.
Já da boca não sala
Mais que espuma ensangüentada!

Salazar, cuidas que o Povo
Te suporta, quando cala?
Ninguém te condena mais
Que aquela boca sem fala!

Fantasma da sua dor,
Ainda hoje custa a vê-lo;
A angústia daquelas horas
Não deixa o Jaime Rebelo.
Pescador que se fez homem
Ao vento livre do Mar,
Traz sempre aquela visão
Na sombra dura do olhar,
Sempre de boca apertada,
Como quem não quer falar.

JAIME CORTESÃO

vemos nós que pretendemos auxiliá-los, procurar por todos os meios honestos que assistência lhes seja dada. Recorrer a TODAS AS INSTITUIÇÕES LEGAIS, usar da nossa possível influência junto de todos aqueles que podem conseguir realizações para os que têm fome, sofrem de desemprego, carecem de creche, escola, livros, propinas, médico, farmacia, hospital, etc., etc.

«As mulheres compete chamar a si esta cruzada porque TODAS podem contribuir com uma parcela de auxílio — por insignificante que seja — para as famílias dos presos e perseguidos políticos. MUITOS POUCOS FAZEM MUITO.

O que é inadmissível é a indiferença — a mais criminosa das atitudes.

Ester

CAMPONESES!

Em 1929 Salazar incitou-vos a empregar todos os vossos esforços na cultura do trigo. Assim o fizestes, confiando nas promessas dos governantes.

Que aconteceu?

O vosso trigo apodreceu nos celeiros por não terdes quem o quizesse comprar.

Salazar, em vez de construir silos e guardar o trigo para os anos de fraca colheita, vendeu-o ao estrangeiro a \$56 o quilo—isto é, por menos de metade do seu valor.

Quem pagou essa diferença?

Vós, com um imposto de \$12,5 por quilo de trigo, durante uma meta dúzia de anos.

Mas não é tudo.

Salazar, forçou-vos, depois, a restringir a cultura, causando-vos os maiores prejuízos, de que ainda hoje sofreis.

Salazar teve o cinismo de vos dizer: — Plantem árvores de frutol!

Para que vós estoirasseis de fome enquanto as árvores não produzissem.

Salazar, diz-vos outra vez:

— Infantilizei a cultura de trigo.

Se não vos acautelaeis acontecereis-vos o mesmo que em 1935.

Para que tal não aconteça exigi garantias.

Exigi a abolição do imposto de \$12,5!

Exigi que vos assegurem a compra de todo o trigo que quizerdes vender e ao preço da tabela, ou ao que achardes mais remunerador.

Exigi o barateamento inofensível do preço dos adubos.

Exigi que o Estado vos preste o auxílio que carceredes.

Nem um centavo de desconto para as despesas da Federação. Os grandes proprietários, que possuem enormes riquezas, que paguem.

O Governo diz que «deseja elevar o nível de vida dos que se consagram ao trabalho, sobretudo aos misteres mais árduos e menos lucrativos»

Pois bem. Exigi que ele o demonstre na prática, satisfazendo as vossas aspirações.

Doutro modo sereis mais uma vez enganados e roubados!

Camponeses, o Partido Comunista, partido dos trabalhadores, é o nosso melhor amigo. Lutai sob a sua direcção pelos vossos interesses e contra Salazar que é o vosso maior inimigo.

PREPARANDO A GUERRA CIVIL

Os jornais anunciam que a polícia empregou nos exercícios que acaba de efectuar, granadas de gaz.

Os bandidos que chacinam o povo espanhol e o povo chinês, empregam granadas de gazes, mas escondem o seu crime.

Salazar, pelo contrário, anuncia a sua disposição de empregar gazes nos combates que prepara contra o povo português.

Portugueses, vede que monstros governam em Portugal.

Uní-vos e lutai pelo seu esmagamento.

OS COMUNISTAS E A PROPRIEDADE PRIVADA

Num artigo que publicámos, no N.º 54 do «AVANTE», sob este título, nós resumimos, desta maneira, a posição dos comunistas acerca da questão agrária na Revolução socialista:

Nacionalização proletária dos grandes domínios senhoriais e sua entrega aos órgãos do poder proletário;

RESPEITO ABSOLUTO DA TERRA DOS CAMPONESES POBRES E MÉDIOS;

Entrega aos camponeses duma parte das terras confiscadas aos grandes proprietários, sobretudo das terras que os camponeses cultivavam na qualidade de arrendatários;

Proibição da compra e venda da terra;

Os órgãos do poder proletário esforçar-se-ão por estimular e auxiliar a organização dos camponeses para a exploração colectiva do solo MAS SEM EXERCEREM VIOLENCIAS DE NENHUM GÊNERO E PERMITINDO QUE OS CAMPONESES CULTIVEM A TERRA COMO ENTENDAM.

Como se vê, a nossa posição perante o problema do usufruto individual da terra, pelos camponeses pobres e médios, difere totalmente da posição defendida e posta em prática, na Catalunha, por outros sectores operários.

Isto é, nós defendemos que os camponeses cultivem a terra que lhes cabe individualmente, da maneira que entendam, enquanto o sector subentendido é de opinião que os camponeses devem ser obrigados a colectivizarem-se.

Sem dúvida que a colectivização das economias camponesas alarga, consideravelmente, a capacidade produtiva do país e cria, no camponês, uma nova mentalidade — uma mentalidade socialista.

E graças ao triunfo da colectivização que a URSS obteve, este ano, uma colheita de 7 biliões de «pudes» (o pude tem 16,400 g.¹⁹³) de trigo, quando sob o regime individual nem sequer chegou a atingir 5 biliões.

E graças ao triunfo da colectivização que o camponês soviético se tornou completamente diferente, se preocupa com a colectividade e não apenas consigo próprio, se dedica à vida política, aos desportos, à arte, estuda, frequenta universidades, etc..

A colectivização representa, pois, um passo colossal dado pela humanidade na sua marcha para o Comunismo.

Por isso mesmo, nós pensamos que, feita a Revolução, é indispensável estimulá-la convencendo os camponeses que a colectivização só lhes traz vantagens.

Mas uma coisa é procurar convencer os camponeses, outra, muito diferente, é obrigá-los, pela força, violentamente.

Empregar a violência contra os camponeses, embora se lhes diga que é PARA SEU BEM, motivará inevitavelmente o rompimento da aliança entre o proletariado e as massas pobres do campo.

E a aliança entre os operários e camponeses é a condição fundamental para o triunfo da Revolução.

A Revolução russa de 1905 foi derrotada porque a aliança entre operários e camponeses não existia. Inversamente, a Grande Revolução Socialista de 1917 triunfou porque o Partido bolchevique soube forjar a aliança dos operários com as grandes massas pobres dos campos e neutralizar os camponeses médios.

Ora a aliança operária e camponesa formou-se, precisamente, porque os camponeses viram no proletariado a única classe que defendia e apoiava as suas reivindicações, das quais, a mais cara, era a posse da terra.

John Reed, no seu célebre livro «Dez dias que abalaram o mundo» conta um caso curioso dum grupo de cossacos que procurou Lênine para saber se o governo soviético tinha a intenção de confiscar as terras dos camponeses pobres.

Foi-lhes respondido que não. Os cossacos perguntaram novamente: — e é verdade que o governo soviético pense confiscar as terras dos grandes proprietários cossacos?

Sim, disse Lênine, nós auxiliaremos os trabalhadores cossacos a apoderarem-se das terras dos grandes proprietários.

Os cossacos regressaram às suas povoações e dirigiram-se ao general Kaledine a quem perguntaram, igualmente:

— Está disposto a repartir por nós as terras dos grandes proprietários?

O general recusou, claro está.

Resultado: foi obrigado a dar um tiro nos miolos porque o movimento cossaco contra o poder soviético estava extinto.

É esta a realidade.

Os camponeses apoiam a Revolução e o Poder proletário, se este lhe garante a posse dos seus pequenos talhões de terra, que, para eles são mais caros do que a própria vida.

Os camponeses colocar-se-ão do lado da contra-revolução, se o Poder proletário lhes não assegura o usufruto individual das suas terras, e lhes impõe, pela força, a colectivização.

Nestas condições, a sociedade deverá, pois, suportar um certo sacrifício, permitindo que os camponeses mantenham as suas economias individuais. Mas esse sacrifício é inteiramente compensado pelo apoio indispensável trazido à Revolução pelas numerosas massas rurais.

Mas esse sacrifício não é eterno, porque os camponeses, à medida que se convencem da superioridade do regime colectivo aderem voluntariamente a ele, e passam a ser os seus melhores propagandistas.

Lênine disse: «Demos aos camponeses 100.000 tractores e os camponeses serão pelo socialismo»

Hoje que nos campos soviéticos trabalham quasi meio milhão de tractores, e que os camponeses vêem com os seus próprios olhos

A tipografia de «A Batalha» foi apreendida?

Consta-nos que a tipografia clandestina de «A Batalha» foi apreendida pela policia.

Se esta noticia é verdadeira como intelizmente parece, nós, pomos imediatamente — e sem nenhum género de condições — ao dispor dos camaradas na C.G.T. os serviços tipográficos do Partido Comunista para que «A Batalha» não deixe de publicar-se

Esperamos que os camaradas da C.G.T. accitem a nossa oferta que é movida pelo alto desejo de que a luta travada pela C.G.T. contra o fascismo não sofra a menor interrupção e ainda pelo desejo de que comunistas e anarquistas, como irmãos de luta e sofrimento, se unam fraternalmente para conduzirem, em conjunto, a luta contra o inimigo comum e pela libertação dos trabalhadores.

TRABALHADORES, A OFFENSIVA FERROZ DO FASCISMO RESPONDAMOS COM A UNIFICAÇÃO DAS NOSSAS FORÇAS DE COMBATE.

AVANTE, UNIDOS CONTRA O FASCISMO, E TRIUNFAREMOS!

as vantagens do regime colectivo, a colectivização tornou-se um facto.

O RESPEITO ABSOLUTO DAS TERRAS DOS CAMPONESES POBRES E MÉDIOS E A LIBERDADE DELES PODEREM CULTIVAR A TERRA COMO QUEIRAM SEM NENHUM GÊNERO DE VIOLENCIAS, TAL E' O UNICO CAMINHO PARA SE CHEGAR A' COLECTIVIZAÇÃO E AO COMUNISMO.

Foi esta política, seguida pelo glorioso Partido bolchevique sob a direcção dos nossos geniais chefes Lenine e Staline, que conduziu a U.R.S.S. ao triunfo. Tal é a política que segue, na Espanha, o heróico Partido Comunista de José Diaz e de Passionária, política que cria uma das condições da vitoria do povo espanhol contra o fascismo: A ALIANÇA DOS OPERÁRIOS E CAMPONESES!

NOTA — Para que não possa provocar dificuldades a alguns leitores do Avante o emprêgo de palavras menos correntes, nós damos o seu significado aproximado:

NACIONALIZAÇÃO DA TERRA — Entrega da terra ao Estado (neste caso ao Estado proletário)

COLECTIVIZAÇÃO — Sistema de exploração do solo, em que os camponeses entregam as suas terras e os instrumentos de trabalho a organizações constituídas por eles. Os benefícios da organização colectiva, isto é os produtos da terra, da criação de gado, ou do género de actividade a que se dediquem, são distribuidos pelos seus componentes segundo o trabalho produzido por cada um.

USUFRUTO DA TERRA — Gozo dos produtos da terra.

COSSACOS — Habitantes de certas regiões da Rússia, célebres principalmente pelo facto de serem com eles que o imperador constituiu os destacamentos militares destinados à repressão contra o povo



SEMANA INTERNACIONAL

As eleições em França

Carreira e fim dum provocador

O problema da retirada dos combatentes não espanhóis do território da Espanha, que constituiu o eixo da nota franco-britânica, foi de novo posto à discussão no Comité de Londres para satisfazer, mais uma vez, as exigências de Mussolini.

A respeito do discurso energético pronunciado por Eden, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, na véspera da reunião da Comissão de Londres, e que sem dúvida se destinava a influir nos trabalhos da referida Comissão, nem por isso os países intervencionistas mudaram, no essencial, a sua linha de conduta.

A Itália recusou-se, pura e simplesmente, a discutir a nota franco-britânica para fazer reviver a discussão do celebre plano britânico, enterrado em Agosto passado.

Na reunião de terça-feira, a posição assumida pela Itália não foi menos intransigente. Ela consistia em exigir a concessão do direito de beligerância aos dois partidos em luta como condição prévia para a retirada dos «voluntários».

O delegado português, para não variar, apoiou servilmente a posição dos seus patrões alemães e italianos.

Finalmente, quando em Londres e em Paris se não escondia já uma bem justificada irritação, a Itália decidiu adoptar nova atitude.

Na reunião de quarta-feira, a Itália declarou-se pronta a aceitar a retirada dos «voluntários», sob a base das seguintes condições: retirada simbólica dum número igual de combatentes de ambas as partes; nomeação duma Comissão que vá a Espanha estudar qual o número de combatentes que se encontram em território espanhol; concessão dos direitos de beligerância.

Londres e Paris mostram-se satisfeitos com o resultado a que se chegou.

Sem dúvida que a Inglaterra e a França obtiveram um ligeiro triunfo diplomático forçando a Itália a abandonar a sua atitude irritante de QUERO, POSSO E MANDO.

Mas na realidade, esse «triunfo» não avança em nada a resolução do problema.

A Itália pretende apenas ganhar tempo. Enquanto a Comissão estuda e não estuda, a Itália continua a intervir descaradamente na Espanha, enviando mesmo mais «voluntários», canhões, aviões, etc., para Espanha.

Uma prova de que é assim: Portugal disse estar disposto a restabelecer a fiscalização da sua fronteira, mas precisamente no mesmo dia, um dos órgãos do fascismo português, o Diário de Notícias, em artigo de fundo, pregava a intervenção directa contra a Espanha.

Claro está que o fascismo português não apreendeu o Diário de Notícias.

O espaço não nos permite já falar sobre os acontecimentos da Palestina. Limitemo-nos, portanto, a sublinhar que não é segredo para ninguém que as sublevações da Palestina são organizadas directamente pela Itália. Bas-

De há muito que os jornais e as agências fascistas de todo o mundo têm um grande treino demagógico e desorientador da opinião pública. Raras vezes, os jornais fascistas têm mentido tanto como no caso das eleições francesas. Contando de antemão com a ignorância da situação francesa, da parte do público, a imprensa fascista desvirtuou por completo todo o significado das eleições cantonais francesas.

Vejamos nós os resultados e procuremos distinguir o que representa, afinal, essa «derrota» de que fala o cinismo fascista ao referir-se à Frente Popular e ao Partido Comunista.

Segundo os dados publicados pelo Ministério do Interior francês, os partidos da Frente Popular (criada e defendida pelos comunistas), obtiveram 4.354.433 votos, tendo sido a votação geral de 6.307.558. Isto é, a Frente Popular teve 69% — mais de dois terços — do total dos votos.

Seguidamente, verifica-se que os partidos operários (comunista e socialista), cada vez mais próximos da fusão num Partido Unico do Proletariado, tiveram 2.745.640 votos, o que representa 43,5% do total. Quere dizer: Só os partidos operários têm QUASI TANTO como TODOS os outros partidos franceses.

O Partido Comunista francês teve 1.088.552 votos, isto é 17,2% da votação pertencem aos comunistas.

Que representam estes números? Que a F. P. tem o apoio da grande maioria do povo francês; que os partidos operários estão próximos de ter a maioria da França ao seu lado; finalmente, que o Partido Comunista é uma grande força na política francesa. E, continua a dizê-lo, o primeiro partido francês, apesar de ter tido 17,2%, enquanto os socialistas obtiveram 26,2% dos votos e os radicais socialistas, 25,5%.

Porque mostra o Partido Comunista a sua força política e é o primeiro partido da França?

Primeiro: porque, apesar de não ter havido eleições no departamento do Sena, obteve maior número de votos que em 1936 em toda a França nas eleições parlamentares. (Deve dizer-se que, tendo a França 90 departamentos, o departamento do Sena, onde está Paris, representa um oitavo da população da França e nele em 30 lugares de deputados, os comunistas têm 22).

Segundo: Porque se o Sena votasse, a manter-se a proporção anterior, CASO NÃO AUMENTASSE, o número de votos comunistas excederia o de qualquer outro partido.

Terceiro: Porque nestas eleições, que pela primeira vez tiveram um carácter nitidamente político, pesa sempre fortemente a folha de serviços administrativos dos candidatos e, portanto, o P. C., até há poucos anos bastante afastado da administração local, não pode competir com os partidos socialista e radical, partidos velhos, de há muito infiltrados na vida pública francesa.

Quarto: Não deve esquecer-se que estas eleições decorreram sob o pânico da crise do franco motivada pela alta finança, directora central do movimento reacçãoário do capitalismo francês. E de tal modo foi artificial essa baixa brusca do franco que tendo desido, vertiginosamente, até à mais baixa cotação desde há 20 anos, logo a seguir às eleições começou a subir, embora lentamente.

Quinto: Que o P. C. esmagou, definitivamente, a influência nas massas, de Doriot, renegado ao serviço de Hitler, que obteve, segundo a agência do seu patrão, a DNB, 70.634 votos, isto é UM e um décimo (1,1%) por cento dos votos de toda a França.

Doriot morreu para as massas.

Sexto e finalmente: O partido de La Roquette, que anunciava um milhão de eleitores, teve 296.537 votos, 4,7% da votação, o que representa não uma base de massas para o fascismo, mas o resultado de umas eleições de carácter local em que as pessoas gradas (chefes de polícia, generais, juizes, altos funcionários) exerceram certa atracção no péso morto dos eleitores: os velhos e os indiferentes.

Concluindo: Não é o fundamental que o Partido Comunista, a própria Frente Popular (apesar de ter a maioria dos eleitos) não tenham obtido o número de conselheiros cantonais ou de «arrondissement» que competia aos votos que obtiveram.

O que é essencial é ver que ano e meio depois das eleições legislativas que deram o poder à Frente Popular, o povo francês está, em maior proporção ainda, à volta desta e cada vez se une mais em torno do Partido Comunista, Partido da gloriosa Internacional de Lénine e Stáline, base do Partido Unico do Proletariado que fará a França Forte, Livre e Feliz!

tava ver os protestos enviados pelas comunidades da Etiópia e pelos chefes da Líbia contra a repressão inglesa; bastava recordar as afirmações feitas por Mussolini quando esteve na Líbia proclamando-se o defensor do islamismo.

De resto, Mussolini não desmente que esteja disposto a acolher o grande Mufti na Itália. Este facto é, por si, bem significativo.

Um outro caso que não pode deixar-se passar em silêncio é a grande concentração de tropas italianas na Líbia. Com que fim? Para encorajar com um gesto de força as sublevações nas poses-

operário do Arsenal de Marinha, residente na Amadora, após o 7 de Fevereiro, de 1927, tendo ligação estreita com o Padre de Bemfica, de quem era afillhado, denunciou varias pessoas por terem participado no movimento insurreccional. Esses camaradas foram deportados para Timor, em consequência desta denuncia.

Cassiano, em 1932, conseguiu entrar na Juventude Comunista, onde realizou uma grande actividade. Ele dizia que pretendia reabilitar-se e os camaradas acreditaram-no.

Cassiano foi preso em 3 de Setembro do mesmo ano, tendo sido internado num hospital donde conseguiu fugir.

A sua pr são grangeou-lhe as simpatias de todos os camaradas porque, conhecendo bastante da organização; aparentemente nada denunciou tendo sido — disse — espancado.

Com a autoridade que conquistou por esse facto, conseguiu ligar-se a camaradas de responsabilidade, estabelecendo, mesmo, um serviço de passagem de fronteira, cujos camaradas mais tarde foram presos sem que nunca se soubessem as causas.

E' preso de novo, mais tarde, e, de novo a policia o liberta, sob a condição dele denunciar varios camaradas. De facto, em liberdade esforçou-se por estabelecer contacto com esses camaradas o que não conseguiu. Emigrou, então, para Espanha, onde se encontrava quando rebentou a guerra civil.

Alistou-se nas milicias mas, invocando sempre o pretexto de que era tuberculoso, recusou-se, sempre, a ir para a frente, movendo sempre todos os esforços para ficar no serviço de guarda do Comité Central do Partido. Invocando os serviços prestados, as suas ligações com camaradas dirigentes, etc., moveu todos os empenhos para ficar ao serviço da camarada Passionária.

Tendo despertado suspeitas, por variadas razões, foi vigiado e submetido a rigoroso interrogatorio. Descobriu-se, então, à base dos documentos que lhe foram encontrados e das suas confissões, que estava em ligação com a organização fascista que opera na rectguarda, no campo governamental.

Ao publicar este caso, visamos dois objectivos:

1.º — Um aviso aos candidatos a provocadores, que tarde ou cedo a justiça proletária caíra sobre a sua cabeça.

2.º — Por em guarda todos os camaradas contra todo o género de provocadores que se occultam, em geral, sob a capa de militantes activissimos e de «inteira confiança» só porque não meteram na cadeia, duma vez, todos os militantes que conheciam.

Alerta, camaradas! Vigilancia. Luta implacável contra os provocadores!

Aos leitores do AVANTE

Para procedermos à edição dum número especial do AVANTE dedicado ao XX aniversário da Grande Revolução Socialista Russa o nosso jornal não se publicará na próxima semana.

Amigos do Partido

Fonte Santa	5\$00
al	40\$00
Caxias (atrasado)	39\$00
Bico	5\$00
Os «Galos»	10\$00
Dimitroff	5\$00
P.B.X.	5\$00
Parafuso	5\$00
TOTAL	114\$00